



RECLUS, Élisée. *Estados Unidos do Brazil: geographia, ethnographia, estatística.*

Rio de Janeiro: H. Garnier, 1900.

Marcelo Augusto Miyahira,
do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
de São Paulo.
mmiyahira@usp.br

Estados Unidos do Brazil: geographia, ethnographia, estatística, corresponde à tradução do capítulo II do tomo XIX da *Nouvelle Géographie Universelle* de Élisée Reclus. Nessa tradução publicada em 1900 pela editora H. Garnier, Benjamin Franklin Ramiz Galvão foi o ilustrado brasileiro responsável pela tradução e notas ao longo da obra que se estrutura em onze capítulos que tratam da História ou “*Vista geral*”; da Geografia do Brasil segundo uma proposta de divisão regional onde as bacias hidrográficas foram utilizadas como elemento norteador para a divisão, mas o relevo e os outros elementos da natureza também participam da análise juntamente com a ação humana e que dividiu o território brasileiro em oito grandes regiões: “*Amazonia, Vertente do Tocantins, Costa equatorial, Bacia do Rio S. Francisco e vertente oriental dos planaltos, Bacia do Parahyba, Vertente do Paraná e contravertente oceânica, Vertente do Uruguay e littoral adjacente e Matto Grosso*”; e por fim o estudo da Geografia Social do Brasil ou o “*Estado social e material da sociedade brasileira*” e “*Governo e Administração*”. Acompanha *Estados Unidos do Brazil* um *Appendice* intitulado *Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco* que *a posteriori* apresentaremos algumas palavras.

Élisée Reclus iniciou sua obra com uma descrição e análise da História do Brasil em que apresentou a situação geográfica brasileira em relação as maiores nações do mundo, a seguir, expôs uma visão panorâmica da natureza tropical e prosseguiu sua análise com a expansão marítima européia, a colonização portuguesa, as diferenças da colonização ibérica na

América, estudou igualmente a independência brasileira, a escravidão negra, a proclamação da República, a questão dos limites fronteiriços com as nações vizinhas, a guerra do Paraguai, as revoltas internas e a imigração européia.

Nos capítulos seguintes Reclus descreveu e analisou as oito grandes regiões do Brasil a partir de sua proposta de divisão regional elaborada segundo a influência da geografia de Carl Ritter de quem foi aluno. Em seu estudo um *modus operandi* se reproduziu como uma espécie de modelo ou padrão na estruturação das partes da obra onde iniciou respectivamente com a hidrografia, o relevo, a rocha, o solo, o clima, a flora e a fauna enquanto elementos do domínio da geografia da natureza. E entre os elementos do domínio da geografia da sociedade estudou os nativos, a população negra e branca, o extrativismo mineral, vegetal e animal, a agricultura, a pecuária, o artesanato, a manufatura, o comércio, as comunicações, os transportes e, por fim, a urbanização.

Para escrever esse trabalho o geógrafo francês empreendeu em 1893 a sua última viagem ao redor do mundo com destino ao Brasil, Uruguai, Argentina e o Chile com o objetivo de subsidiar a produção do XIX e último tomo da *Nouvelle Géographie Universelle*.

Reclus conheceu o Brasil em um tempo de transição – do Império à República – onde a nação estava vivenciando transformações econômicas e sociais – a Abolição da Escravidão (1888), à proclamação da República (1889), a imigração européia da segunda metade do século XIX, a agricultura monocultura e exportadora de café, a construção de vias de transportes, principalmente as estradas de ferro e os portos, a construção de vias de comunicação, como a dos cabos submarinos para a telegrafia e a incipiente industrialização –, que modernizaram algumas cidades e regiões brasileiras.

Um dos lugares visitados foi o Rio de Janeiro, então capital da República, aonde Reclus visitou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e também a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro (SGRJ) – duas importantes instituições científicas nacionais –, o “*sábio geographo francez*” recebeu na segunda instituição visitada o diploma de sócio honorário por sua sabedoria e prestígio. Após agradecer aos ilustrados brasileiros a homenagem recebida Reclus apresentou suas primeiras impressões de sua viagem às terras tropicais. Em suas palavras destacou a geografia carioca. “Em seu todo, o Rio de Janeiro pode ser comparado a um imenso polvo, cujo corpo seria a cidade primitiva e que projectasse em varios sentidos os seus tentaculos farpados. De uma extremidade a outra, a distancia é tão grande como nas

mais variadas metrópoles [...]”p. 267. Também elogiou o sistema de transporte carioca destacando os *bonds* de tração animal e elétrico que tornam a “cidade modelo quanto á facilidade de comunicações entre o centro da cidade e os seus arrabaldes”p. 276. Elogiou ainda a natureza e a beleza de suas paisagens, comparando-a com as mais encantadoras capitais mundiais.

Um outro lugar visitado por Reclus foi o Estado de São Paulo, mais especificamente a região de Mogi Guassu que desenvolvia a cultura do café, sendo este gênero o principal produto brasileiro exportado no período, colocando o país como o maior produtor mundial. Apesar disso, fez duras críticas quanto à questão da propriedade da terra, as condições de trabalho dos camponeses e dos pequenos agricultores e ao ritmo da produção agrícola. “Certamente a industria do café no Brasil, e notavelmente no Estado de S. Paulo, onde se conta mais de um bilhão de pés, é maravilha da agricultura e faz a admiração dos economistas; é porém licito perguntar, sem preconceito contra o regimen da grande propriedade, si não ha perigo em sacrificar todas as culturas a uma só, por muito rendosa que ella seja: a população, que augmenta rapidamente, ficaria exposta a uma penúria repentina si qualquer phenomeno economico ou um desastre natural viesse a seccar de subito a fonte d’esta espantosa riqueza”p. 424.

Analisou a população brasileira e afirmou que quando o crescimento vegetativo se intensificar e a densidade demográfica acompanhar esse movimento o Brasil rivalizaria com as mais desenvolvidas potências européias. Recordou ainda que o país foi à última nação a abolir a escravidão, contudo, aqui esse processo colaborou com a miscigenação das raças, que para Reclus tal integração simbolizava um progresso em termos de civilização.

Concluiu seu discurso aos ilustrados brasileiros sentenciando que o Brasil possuía elementos suficientes para caminhar no sentido do progresso junto às nações mais desenvolvidas do mundo em um futuro não distante.

Em busca de se realizar uma investigação *por dentro da obra* analisando as palavras do geógrafo francês efetuamos um mapeamento da iconografia presente em *Estados Unidos do Brazil*, nesse sentido, observamos que a obra possui 93 cartas, 27 gravuras de paisagens e 3 gravuras de habitantes. Em relação à autoria das cartas identificamos o cartógrafo suíço Charles Perron como o principal cartógrafo da obra e quanto às gravuras assinaram a sua produção 10 diferentes colaboradores: T. Taylor, J. Lavée, Riou, G. Vuillier, Boudier, A. Slom, A. Paris, Th. Weber, Thiriart e Bocher.

Realizamos também um levantamento e um exame bibliométrico das fontes *tropicais* citadas por Reclus em *Estados Unidos do Brasil* a partir da identificação das notas de rodapé presentes no trabalho. O geógrafo francês usou 72 fontes *tropicais* ao longo da obra; desse total, localizamos 63 fontes com identificação dos autores e 9 sem a identificação, ou seja, na citação dessas fontes existem somente o nome do trabalho. Das fontes que possuem os nomes dos autores 60 são trabalhos individuais, 2 trabalhos possuem dois autores e 1 trabalho possui mais de três autores. Essas 63 referências *tropicais* foram escritas por 45 autores que foram citados 79 vezes ao longo da obra. Entre os autores dos trabalhos citados por Reclus identificamos 14 cientistas com maior presença em seu trabalho: Luiz d'Alincourt, Henrique de Beaurepaire-Rohan, Luiz Cruls, Orville A. Derby, Hercule Florence, Hercule Florence – Alfredo Taunay, Hermann von Ihering, Alfredo Lisboa, Alberto Loefgren, Couto de Magalhães, J. P. Favilla Nunes, Barbosa Rodrigues, Theodoro Sampaio, Alfredo Taunay e F. Adolpho de Varnhagen.

Por fim, conforme indicado anteriormente apresentaremos algumas palavras sobre o *Appendice Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco* que acompanha *Estados Unidos do Brasil*.

Esse texto complementar corresponde à tradução de uma seção de um capítulo que analisa As Guianas do tomo XIX da *Nouvelle Géographie Universelle*, contudo, esse apêndice não está inscrito na capa ou mesmo no índice de *Estados Unidos do Brasil*. Esse fato não deve ser entendido como uma coincidência ou acidente, em razão de que neste período da publicação das traduções o governo suíço apresentou o Laudo Arbitral na Questão do Amapá.

Em outras palavras, o contexto histórico da publicação das traduções era de litígio. *Território contestado franco-brasileiro* foi traduzido pelo Barão do Rio Branco e recebeu conforme seu nome sugerido vinte duas notas. A versão original do apêndice possui seis páginas; já a versão traduzida e anotada possui onze páginas. Deste modo, a tradução é maior do que o texto original, uma vez que na tradução estão presentes as anotações que quase dobraram as suas dimensões. Em uma análise dos fatos ocorridos e do contexto da publicação entendemos que para Rio Branco não estava em disputa somente o território contestado politicamente entre o Brasil e a França, acreditamos que somada a questão contenciosa franco-brasileira estava em disputa quem apresentava um estudo mais amplo e complexo do território litigioso.

Pensamos que o diplomata brasileiro tinha motivos suficientes para empreender essa disputa intelectual com Reclus uma vez que o “*sábio geographo francez*” era sócio honorário da SGRJ. E em 1892 Reclus havia recebido a medalha de ouro da Sociedade Geográfica de Paris e em 1893 da Real Sociedade Geográfica de Londres.

Soma-se ao reconhecimento e o prestígio conquistado, a eleição de Reclus como sócio correspondente estrangeiro da Academia Brasileira de Letras (ABL), justamente no período em que Rio Branco trabalhava na questão contenciosa franco-brasileira e na tradução do apêndice de *Estados Unidos do Brazil*.

Esses fatos pesquisados nos convidam a interpretar que o diplomata brasileiro foi motivado a estabelecer uma disputa intelectual e territorial junto à obra do geógrafo francês que se dedicava a estudar o território em litígio materializado no *Appendice*. Por fim, pensamos que as traduções e anotações elaboradas por Rio Branco e Ramiz Galvão em *Estados Unidos do Brazil* e no *Appendice* de alguma forma, foram motivadas pelo contexto histórico que o país vivia onde um grande número de disputas pela definição das fronteiras nacionais estava ocorrendo.

Com essa resenha buscamos expor ao nosso leitor a importância de *por que ler os clássicos* e com isso reforçar o foco na necessidade de se estudar as obras clássicas da geografia em uma perspectiva *em ação*. Em nosso estudo buscamos realizar uma reconstrução do contexto social e do conteúdo técnico do conhecimento geográfico a luz de seu tempo, ou seja, analisar a geografia nacional e mundial a luz do século XIX através da geografia de Élisée Reclus, evidenciando a atualidade de sua obra e mostrando que ele antecipou tendências e transformações da formação da sociedade e do território brasileiro.

SOBRE O
AUTOR

Marcelo Augusto Miyahiro. Graduado em Geografia pela UNESP Campus de Rio Claro (2001) e Mestre em Geografia Humana pela USP (2011). Atualmente é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

Recebido para avaliação em 15 de Dezembro de 2012

Aceito para publicação em 20 de Dezembro de 2012